

entrevista

CARLOS MAIA, DIRECTOR DA ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DR. LOPES DIAS (ESALD), DE CASTELO BRANCO

"Os avanços [no campus da Talagueira] são mais aparentes do que efectivos"

A falta das prometidas e sempre adiadas instalações continua a ser uma das principais limitações da ESALD, que comemora hoje 59 anos de existência. O director, Carlos Maia, traça o retrato ao Diário XXI

Daniel Sousa e Silva
- Em altura de aniversário, a falta de novas instalações (projectadas para o campus da Talagueira) continua a ser a principal carência da instituição?
- Sim, de facto, continua a ser a principal carência. As instalações

actuais, para além de serem claramente insuficientes, estão degradadas. É algo que nos levanta cada vez mais dificuldades. Os alunos vão aguentando, mas é preciso recordar que, no próximo ano lectivo, vamos ter pela primeira vez alunos dos quartos anos de Cardiopneumologia e Radiologia, ou seja, as dificuldades vão ser ainda maiores.

- Quais os problemas práticos provocados pela falta de novas instalações?

- Um dos principais problemas é a insuficiência de espaço. Temos conseguido colmatar as falhas com grande esforço e sacrifício dos docentes, funcionários e estudantes, sendo que estes últimos têm aulas aos sábados e nas sextas-feiras à noite, uma prática pouco comum no ensino público. Estes horários

devem-se precisamente à falta de salas de aula.

- Como avalia os avanços e retrocessos no processo de construção do novo campus da Talagueira?

- Para mim, os avanços [no campus da Talagueira] são mais aparentes do que efectivos. Há que salientar que o contrato de construção feito entre o Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) e o empreiteiro previa que a obra estivesse pronta até finais de Maio de 2007. Já estamos em Junho e a conclusão da obra não será uma realidade nos próximos meses. Cada um que tire as ilações que entender. É um processo que nos tem desgastado imenso, pois temos de tomar decisões com base em várias expectativas criadas e que, depois, não são cumpridas. A ESALD tem feito um esforço extraordinário e os alunos

mais informação do que eu sobre a matéria.

- A ESALD já segue as regras de formação do Tratado de Bolonha?

- A ESALD foi a única escola do IPCB que ainda não adequou os seus cursos a Bolonha. Não considero que esteja atrasada, porque o que a legislação diz é que tudo tem

de estar pronto até ao final do ano lectivo de 2008/09. Apesar de termos o trabalho feito, decidimos não adequar logo os nossos cursos a Bolonha, já que, após uma reunião com responsáveis dos ministérios do Ensino Superior e da Saúde, sabemos que havia um défice de informação sobre as formações ligadas à tecnologia da saúde, bem como sobre as carreiras destes profissionais. No caso de Enfermagem, é diferente, porque a Ordem dos Enfermeiros decidiu apenas admitir quem tenha o mestrado integrado e isso não é conciliável neste momento, nem sequer em termos legais. Isto é, actualmente não é possível fazer mestrados integrados no Subsistema de Ensino Superior Politécnico.

- Como é que isso se vai resolver?

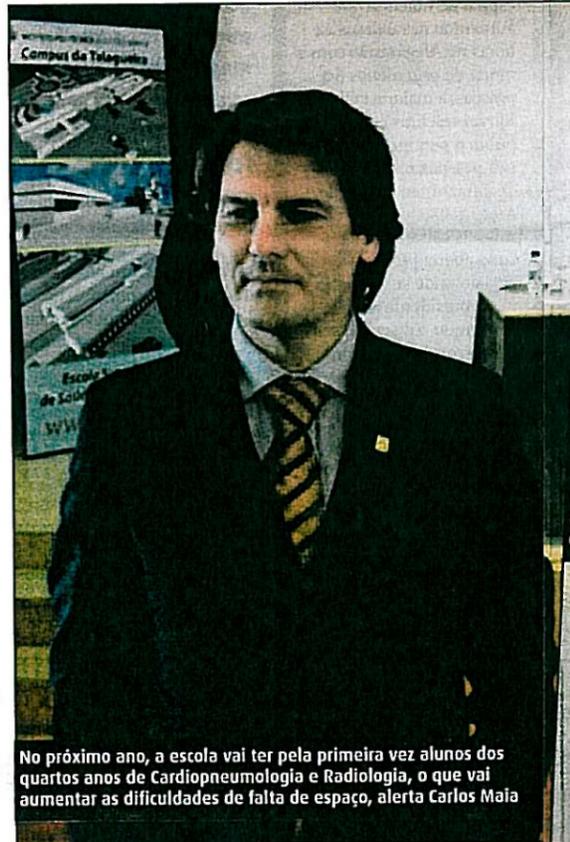
- Falta uma clarificação por parte do ministro do Ensino Superior. O nosso objectivo é fazer a transição para Bolonha de uma forma segura e sem qualquer precipitação.

- Quantos alunos tem a Escola e quantos são formados anualmente?

- Neste momento, temos 609 alunos, repartidos pelas cinco licenciaturas [Análise Clínica e Saúde Pública, Cardiopneumologia, Enfermagem, Fisioterapia e Radiologia]. Existe ainda um curso de complemento de formação em Enfermagem que é frequentado por bacharéis que pretendem obter o grau de licenciado.

- E quantos funcionários e docentes existem?

- Temos cerca de 30 funcionários e aproximadamente 130 docentes. Nem todos os professores estão a tempo integral, porque a escola se encontra num processo de consolidação, nomeadamente em relação a Cardiopneumologia e Radiologia, que abriram em 2004. Muitos dos que não estão a tempo inteiro são profissionais de saúde que trabalham em variadas instituições e colaboram com a escola a tempo parcial.



No próximo ano, a escola vai ter pela primeira vez alunos dos quartos anos de Cardiopneumologia e Radiologia, o que vai aumentar as dificuldades de falta de espaço, alerta Carlos Maia

têm tido uma compreensão inexistente neste capítulo.

- Quais são os argumentos apresentados para os atrasos? Deve-se a falta de verbas?

- O último argumento não tem a ver com falta de verbas, mas com

aspectos relacionados com o empreiteiro responsável pela construção da obra. Neste momento, não posso adiantar mais, já que o dono da obra é o IPCB e deve ser a sua presidente [Ana Maria Vaz] a comentar a situação, porque deve ter



Ideias na manga

Casa nova pode trazer serviços para a comunidade

- Com os atrasos, o projecto das novas instalações continua a adequar-se às necessidades da ESALD?

- O projecto foi delineado a pensar nos actuais cursos da ESALD e outras ideias que estão em carteira, mas que ainda é cedo para revelar. Contudo, a verdade é que há ideias constantemente adiadas pela lacu-

na das actuais instalações.

Se as novas infra-estruturas se tornarem uma realidade brevemente, a ESALD continua com ideias para que se torne numa grande escola superior de saúde. Temos projectos inovadores em quase todas as áreas em que nos envolvemos, nomeadamente e a título de exemplo, na prestação de serviços à comunidade.

- Que tipo de serviços vão existir nessa área?

- Nesta altura não posso especificar mais...

- Mas as novas instalações vão aproximar a escola da comunidade?

- Penso que uma escola superior de saúde tem também essa obrigação de ligação à comunidade, apenas concretizável com as novas instalações.

Cenário negro do último ano inverteu-se Finalistas sem dificuldade em arranjar trabalho

- Quais são as ligações que existem entre a ESALD e as unidades de saúde da região?

- A escola tem protocolos de colaboração assinados com diversas instituições de saúde e não só, porque os nossos alunos fazem estágios também em instituições que não são de saúde. Estamos a alargar a rede de protocolos a todo o País, já que as instituições de saúde da região não têm capacidade de acolhimento para todos os nossos alunos.

- Como avalia a inserção profissional dos diplomados da ESALD?

- Estamos numa altura em que começa a haver alguma dificuldade de empregabilidade para os diplomados para área da saúde.

Este ainda não é o nosso caso. Por exemplo, os alunos que terminaram o curso no ano passado, a sua inserção profissional ronda quase os 100 por cento, sendo que em Enfermagem a sua aceitação no mercado do trabalho é total. São indicadores que nos dão algum alento, face às condições com que temos de trabalhar quotidianamente.

- Uma parte desses alunos fica na região ou existe uma tendência de êxodo para os grandes centros urbanos?

- Um número considerável, não consigo especificar quantos, fica na região, nos quatro hospitais e nos centros de saúde, mas temos ex-alunos espalhados e a trabalhar por todo o País.

Processo de criação do Centro Hospitalar da Beira Interior

"Não tem sentido que todos queiram as mesmas especialidades"

- Qual a sua opinião sobre os processos de constituição do centro hospitalares da Beira Interior e, agora, da Beira Baixa?

- Pelo que tenho lido nos jornais, e essa é a única informação a que tenho tido acesso, parece-me que existem situações pouco claras. Eu entendo e concordo que tem de haver racionalização de recursos. Defendo isso não só na saúde, mas em todas as áreas da nossa sociedade.

No entanto, há alguns factores regionais que têm de ser considerados com muita atenção.

nomeadamente a questão das deslocações e dos difíceis acessos e vias de comunicação que ainda existem na região, dificultando o transporte de doentes.

Numa avaliação em termos académicos, se a criação de centro hospitalar maior tem como objectivo ter as mesmas valências dos hospitais centrais, então não tem sentido que todos os hospitais queiram ficar com essas especialidades. Tem de haver uma distribuição racional, através do entendimento entre os vários responsáveis hospitalares.

O programa de aniversário

A cerimónia que assinala o aniversário da ESALD terá lugar hoje, no Auditório Cornénius dos Serviços Centrais e da Presidência do IPCB. A sessão de abertura está marcada para as 14h30 com um momento musical pelo "Duo de guitarras - ESART". Segue-se um debate sobre "Que Bioética para o 3º milénio?" com Paula Martinho da Silva, presidente do Conse-

lho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, e "Ética em Tecnologias da Saúde" com Armando Moreno, professor catedrático da Universidade Técnica de Lisboa. Será moderadora, Isabel Lourenço, docente da ESALD. A tarde termina com a actuação da TUSALD - Tuna Académica da ESALD. Haverá ainda um jantar comemorativo do 59º Aniversário.